

Quando Cantar vem do Coração: uma Abordagem Metodológica Singing from the Heart: A Methodological Approach

Isabel de Castro

Instituto Politécnico de Bragança - ESE
Portugal
misa@ipb.pt

Resumo

Autores como Rodrigues (1997), Hargreaves (1999), Gordon (2000a), Chapuis (2001), Peery (2002), Castro (2003, 2004), Palheiros (2004), para só referir alguns, são unânimes ao acentuarem o valor da música na vida das pessoas e das crianças em particular, em diferentes aspectos cognitivos e emocionais, quer no seio familiar, quer na escola. Reforçando este sentir, o antropólogo Alan Merriam (1964) refere na sua obra *The anthropology of music, there is probably no other human cultural activity which is so all-pervasive and which reaches into, shapes, and often controls so much of human behavior* (p. 218) como a música. Pretendo alertar para a importância da música e, em particular, de cantar com e às crianças desde cedo, em diferentes ambientes e contextos. Como refere Perry (2000) ao citar Kuhmerker a *aprendizagem de canções facilita a adopção de um vocabulário de começo de leitura e ainda o ritmo e a fraseologia, tanto como as acções e as experiências cinestésicas associadas às canções, ajuda[r] as crianças a associar as palavras a uma variedade mais vasta de experiências linguísticas*(p. 482).

Palavras-chave: música, canção, cantar, coração, processos

Abstract

Authors such as Rodrigues (1997), Hargreaves (1999), Gordon (2000a), Chapuis (2001), Peery (2002), Castro (2003, 2004), Grace (2004), to name but a few, are unanimous in stressing the role and value of music in people's lives and children in particular, in different cognitive and emotional aspects, either within the family, or at school. Reinforcing this feeling, in unison, the anthropologist Alan Merriam (1964) states in his book *The Anthropology of Music "There Is Probably no other human cultural activity, which is so all-pervasive and Which Reaches into, shapes, and Often controls so much of human behavior* (p. 218) as music. Here I draw attention to the importance and value of music and, in particular, to sing with children early and in different environments. As noted in Perry (2002) citing Kuhmerker learning songs facilitates the adoption of a vocabulary of early reading and still the rhythm and phrasing, as both actions and kinesthetic experiences associated with the songs, help [s] children to associate the words to a wider variety of language experiences (p. 482).

Keywords: music, song, singing, heart, processes

Introdução

Neste artigo vou apresentar algumas ideias que foram exploradas aquando da realização de uma investigação que teve como objectivo perceber o comportamento de bebés perante a audição de uma canção de embalar, no período de sono. Essa investigação teve como ideia base construir um projecto no qual a música fosse uma das principais componentes e ainda compreender o valor da música na formação dos indivíduos e das crianças em particular.

Como docente na área da Música seria também a experiência que havia adquirido na docência, quer durante a formação inicial de Educação de Infância, quer no decorrer da formação inicial de professores do 1.º ciclo do Ensino Básico, bem como a curiosidade em

identificar diferentes práticas de cantar em contextos formais e não formais que, permitiu consolidar e avançar para a investigação, de carácter empírico, que levei a cabo.

Apresentam-se duas partes que pretendem ser complementares: a primeira parte dedicada à apresentação de diferentes pontos de vista de vários autores sobre o valor que a música têm no comportamento humano; uma segunda parte, de carácter prático, pretende explorar uma canção como exemplo de ferramenta que pode ser utilizada em contextos distintos e que tem como objectivo aliar a actividade musical, ao acto de cantar, quer em sala de aula para crianças pequenas, quer para formação mais especializada a adultos.

Enquadramento conceptual

Autores como Helena Rodrigues (1994, 1997), David Hargreaves (1999), Edwin Gordon (2000a), Jacques Chapuis (2001), Edgar Willems (2001), Craig Peery (2002), Isabel Castro (2003, 2004), Graça Palheiros (2004), Don Campbell (2006) para só destacar alguns, acentuam o papel e o valor da música na vida dos seres humanos e das crianças em particular, em diferentes aspectos cognitivos e emocionais, quer no seio da família, quer em ambiente escolar. Neste sentido, o antropólogo Alan Merriam refere o seguinte: *There is probably no other human cultural activity which is so all-pervasive and which reaches into, shapes, and often controls so much of human behavior*¹ (1964, p. 218) como a música.

Neste artigo procuro reforçar e despertar para a importância do papel da música e, em particular, de cantar com e às crianças desde cedo, em diferentes ambientes e contextos. Neste sentido e, enquanto investigadora, encetei um estudo sobre os efeitos de cantar aos bebés durante o período de sono chamando a atenção para os benefícios que, o cantar pode ter, por exemplo, na arquitectura do sono (Castro, 2003). Nesse mesmo estudo referi ainda que cantar, por exemplo, canções de embalar, bem como efectuar experiências musicais distintas, expor o feto e os bebés a diferentes sons musicais e não musicais, pode, mais do que trazer benefícios, potenciar a percepção musical em distintos aspectos. Benefícios, por exemplo, de ordem emocional e vinculativa, que permitem intensificar a relação entre bebé e a pessoa que lhe presta cuidados. Cantar canções de embalar inicia o bebé num processo de audição e percepção quer de diferentes alturas sonoras e timbres, quer mesmo da construção de palavras que mais tarde fazem parte do seu código linguístico.

De acordo com alguns estudos, que referirei de seguida, e que se centraram na capacidade auditiva do feto para distinguir e reagir a diferentes estímulos sonoros musicais e não musicais

¹ “(...) provavelmente não há nenhuma outra actividade humana cultural que seja tão influente e que alcance, modele e frequentemente controle tanto o comportamento humano (como a música)” (Tradução livre).

parece poder-se concluir da importância de que o contacto com a música e com diferentes sons, já na vida intra-uterina tem importância relevante. Para autores como Lecanuet (citado por Delière 1996.), a capacidade do feto para captar o som, distingui-lo, identificá-lo e relacioná-lo (seja com o que fôr...) é inferida a partir de manifestações fisiológicas (aceleração dos batimentos cardíacos) e comportamentais, como por exemplo, movimentos rotativos da cabeça em direcção à fonte sonora ou como a aceleração dos batimentos, em resposta à estimulação sonora apresentada. Elliott (1995), sugere que o feto além de captar o som, o distingue, identifica, recorda, bem como o relaciona Abrams *et al* (citado por Delière 1997) compararam, em estudos realizados com fetos de ovelhas (e outros animais) e fetos humanos, a sua acuidade auditiva para, em presença de sons isolados (notas musicais emitidas com diferentes frequências), perceberem frequências fundamentais nos estímulos musicais expostos. Os resultados apontam no sentido de se concluir da grande capacidade de discriminação auditiva dos fetos. Estudos referidos por Schuter-Dyson relatam, também, a capacidade de discriminação auditiva do feto, quando percebe certos diferentes de música erudita (a fonte sonora foi colocada junto do abdómen da mãe): “Ainsi parurent-ils plus sensibles à l’ouverture de la Sonate pour piano Op. 31 n.º 2 en ré mineur («La Tempête») de Beethoven qu’à un morceau choral de Palestrina” (Wilkin, 1991, citado por Schuter-Dyson, in Zenatti, 1991, p. 215)¹. Salienta-se, desta maneira, (ainda que o estudo referido não revele a natureza das respostas do feto), a sua capacidade de reagir de modo diverso, quando escuta dois estilos de música diferentes. Partilhando da opinião de Parcutt (citado por Blum, 1993) entendo que os sons percebidos *in utero* (sejam musicais ou não musicais) funcionam como as primeiras experiências, quer de detecção das características dos sons, quer de apreensão de características de estruturas musicais e outras. Para o mesmo autor, a noção de ritmo (expresso nos batimentos cardíacos, passos, funções gástricas, entre outras funções, da mãe, conversas, canções cantadas por pessoas ou ouvidas num aparelho próprio; música ao vivo...), desenvolve a sensação de pulsação e de duração, próprias da fala e da música; quando as pessoas falam, os fetos percebem um outro som, têm assim a possibilidade de distinguir os diferentes contornos melódicos, bem como aspectos harmónicos (emitidos pelos sons harmónicos das vogais e consoantes, pela distinta função entre os acordes, quando ouve sons simultâneos), e ainda perceber as relações tímbricas das vozes, dos sons de objectos e de sons musicais e não musicais. Da mesma forma, a noção de frequência, numa linha melódica, é discriminada quando o feto percebe as constantes alterações (subidas e descidas de altura)

¹ “Deste modo os fetos parecem mais sensíveis à abertura da sonata para piano opus 31 n.º 2 em ré menor («A tempestade») de Beethoven que a um fragmento coral de Palestrina” (tradução livre).

da voz materna, quer quando fala, quer quando canta (Parcutt, in Blum 1993; Bregman, in McAdams *et al.*, 2001).

Os estudos aqui apresentados apontam também no sentido de que a estimulação sonora que envolve todo o período de gestação constitui, igualmente, segundo Maiello, a possibilidade de formar um verdadeiro: *Código sonoro pessoal que contém já a base da futura linguagem da criança* (in Sá 2000, p. 84).

De acordo com Don Campbell (2006)

Há cada vez mais provas de que os bebés – antes e depois de nascerem – reagem tanto à música como o mais ávido espectador de concertos. Num estudo de meados da década de oitenta, os psicólogos do Pacific Medical Center em São Francisco constataram que tocar o *Twinkle, Twinkle Little Star* (...) num walkman (...), ajudava a evitar que os bebés hospitalizados se agitassem e gritassem” (p. 48).

Refiro, ainda, o facto de as crianças responderem às diferenças existentes entre os variados padrões melódicos e rítmicos o que revela que não só é possível reforçar estes e outros comportamentos, de forma a incrementar outras possibilidades auditivas. Estas aprendizagens de elementos musicais reforçam e incentivam o gosto pela música. A este propósito, o autor Gordon refere que:

Dado que não se passa um dia sem que, duma forma ou doutra, as crianças ouçam ou participem em música, é-lhes vantajoso que a compreendam. Apenas então poderão aprender e apreciar, ouvir e participar na música que acham ser boa, e é através dessa percepção que a vida ganha mais sentido”¹.

Parece importante pensar em continuar a preservar e fomentar, a *sabedoria* e o *apetite* para a música, com que o bebé nasce (Trevvarthen, 1999). E como refere Peery (2002) *são cada vez mais as provas de que a música faz parte integrante do desenvolvimento humano e que a música pode incentivar e ser (...) catalisador de outras facetas do desenvolvimento* (p. 486).

O contacto com as paisagens sonoras, desde o nascimento, poderá lançar as bases para que o bebé, a criança e, finalmente, os adultos venham a gostar de sons musicais, bem como preferir uns sons a outros e até sons musicais ou não musicais². Como salienta Gordon (2000a)

após o nascimento, [os bebés] começam a tornar-se musicalmente aculturado [os] de várias maneiras. Podem ouvir música tocada em casa ou através dos meios de comunicação social. Podem ouvir músicas ao vivo na televisão ou em circunstâncias mais íntimas. E, o que é mais importante, podem ouvir os pais e talvez as irmãs ou os irmãos, ou ainda outras crianças, a cantar e a entoar (p. 52).

Assim sendo, os sons musicais, os da fala e outros, pelas suas características acústicas, podem contribuir também para o desenvolvimento do seu aparelho acústico-fonador. Neste

¹ Tradução livre (in Gordon, 2000a:6)

² São as aprendizagens feitas no período de vida intra-uterina que permitiram já, por ocasião do nascimento, determinadas formas de relação com o ambiente sonoro.

sentido Gordon refere a importância da *aculturação* social do bebé, quer para a linguagem, quer para a música. Salienta ainda que a exposição variada de música e da linguagem falada, contribuem para que o desenvolvimento dos balbuceios que, potenciarão a fala, o canto, a escrita e a leitura (musical e não musical), de uma forma mais desinibida e compreensível (2000 a, p.43). Mota (1999), citando alguns autores (Papousek e colaboradores 1982; 1991), sugere que a fala dirigida aos bebés, se torna potenciadora para a aquisição da *linguagem* e do *canto* (1999:28). Já em 1973, Madsen defendia a importância da audição musical, não só para o desenvolvimento da linguagem, como também para a compreensão da matemática (in Hargreaves 1998).

A capacidade de percepção auditiva do bebé, bem como os diversos parâmetros dos estímulos musicais, podem contribuir para a escolha de ouvir uns sons em comparação com outros e, ainda, potenciar para uma atitude musical, seja a que nível for. Alguns autores, como Panneton (1985), salientam que as características acústicas dos sons, como o tempo ou a alteração de notas numa melodia, podem impelir o bebé e a criança a gostar de uma determinada forma de ouvir cantar, em detrimento de outra (in Deliège 1996). É o que nos revela um estudo realizado por Satt *et al* (1984), no qual se observou a preferência de um bebé, para ouvir antes uma canção de embalar (cantada no fim do período de gestação, pela mãe), a outra melodia, mesmo cantada pela mãe (citado por Lecanuet, in Deliège 1996). Quando ouvia a canção de embalar, o bebé ficava mais tranquilo. Outras experiências, reveladoras da acuidade auditiva do bebé, realizadas por Feijoo (1981) e Hepper (1988), foi observado que recém-nascidos emitiam comportamentos calmos e focalizavam a atenção, quando ouviam as mesmas sequências musicais a que foram expostos, durante o período de gestação (Lecanuet, in Slater, 1998).

De facto, tenho vindo a salientar a importância que a música pode ter na vida das pessoas e na das crianças em especial. E esta constatação é ainda reforçada pelos autores cujos inúmeros trabalhos de investigação, no decorrer de anos têm observado o comportamento de bebés perante diferentes experiências musicais. Estes trabalhos científicos tornam-se ainda mais interessantes quando alargados ao estudo e observação de comportamentos, em face de experiências sonoras. Desta maneira parece-me importante partilhar as conclusões a que se tem chegado de que, desde muito cedo e já na relação intra-uterina, a música e os sons podem constituir, também, as primeiras experiências sociais e auditivas do feto e das crianças (Peery, 2000) e por esta razão, a forma de estabelecer relações emocionais com a mãe (Lopes dos Santos 1985, 1990; Castro 2003). Vão neste sentido as experiências referidas por Shetler (1989, citado por Peery, 2002, p. 461). Também outras fontes afirmam que a audição musical conduz

a uma forma de manifestação de diferentes comportamentos sociais, emocionais e de promover e potenciar distintas competências, quer ao nível cognitivo, quer, por exemplo, na forma como as pessoas se relacionam entre si. Para Blacking (2006), a música acontece como uma forma de expressão que permite ser partilhada e transmite experiências e emoções das pessoas e de grupos, através de um desenvolvimento harmonioso do corpo, espírito e das relações sociais¹ (2006, tradução livre). Esta constatação advém de um longo trabalho de campo que John Blacking (2006) efectuou quando estudou, nos anos cinquenta, uma comunidade africana na qual pôde observar como a prática musical estava intimamente ligada à vida do quotidiano e às relações sociais e onde todos os membros daquela sociedade eram considerados capazes de fazer música. A observação desta sociedade levou-o a um diferente entendimento da música, considerando que a prática musical é uma actividade social e o desenvolvimento da criatividade musical, da experiência humana com a música só podem entender-se dentro de um contexto social, onde exista participação colectiva (2000:x-xi. Tradução livre)².

Poder-se-à concluir que se um maior contacto com distintos estímulos sonoros musicais acontecer, mais facilmente o bebé e a criança aprendem, também, por exemplo, as qualidades físicas dos sons e manifestam comportamentos diferenciados, aprendem a interagir socialmente, como já referi e pode até acontecer que o desenvolvimento cognitivo seja, em diferentes áreas, mais potenciado.

A investigação e os trabalhos científicos que se têm vindo a realizar, quer no campo da Psicologia, quer no campo da Musicologia, da Antropologia e da Sociologia, evidenciam, cada vez mais, a relação e a importância que a música pode ter no comportamento humano e os benefícios emocionais que podem advir de diferentes experiências musicais e da música, em geral.

Na linha do que tem vindo a ser expresso e, de acordo com o que está protagonizado no Currículo Nacional do Ensino Básico (2009), refiro que

a música é um elemento importante na construção de outros olhares e sentidos, em relação ao saber e às competências, sempre individuais e transitórias, porque se situa entre pólos aparentemente opostos e contraditórios, entre razão e intuição, racionalidade e emoção, simplicidade e complexidade, entre passado, presente e futuro (p. 165).

¹ Tradução livre do original: “(...) una expresión que permite compartir y transmitir experiencias y emociones de los individuos y los grupos hacia un desarrollo armonioso del cuerpo, el espíritu y las relaciones sociales” (2006:18).

² “Music is too deeply concerned with human feelings and experiences in society, and its patterns are too often generated by surprising outbursts of unconscious cerebration, for it to be subject to arbitrary rules, like the rules of games. Many, if not all, of music’s essential processes may be found in the constitution of the human body and in patterns of interaction of human bodies in society” (Blacking 2000: x). Mais refere que, “Vivendo entre los venda comencé a entender hasta qué punto la música constituye una parte indisoluble del desarrollo de la mente, del cuerpo y de unas relaciones sociales armoniosas” (Blacking, 2006: 26).

Os estudos de Graça Mota (1999) e de Graça Palheiros (1999) referem-se também ao cuidado e necessidade que deve existir para se perceber como se processa o desenvolvimento musical das crianças, nos primeiros anos da escola e como a investigação nestas áreas, pode contribuir para alargar o conhecimento sobre o papel da música, nas escolas, e sobre as alterações comportamentais, quando em presença da música formal ou não formal.

Como refere a autora Helena Rodrigues (1997) *nos primeiros tempos de vida a criança deve ser exposta a exemplos musicais com características diferenciadas. Como se se tratasse de um “banho musical”*» (p. 17).

Na esteira do que ficou dito devo ainda acrescentar que as escolas, o jardim-de-infância, os pais, os educadores podem contribuir largamente para que se desenvolva uma atitude e uma prática musical mais alargada. Desta maneira as crianças tendem a ser capazes de melhorar diferentes competências sociais, emocionais e outras e, adaptarem-se a distintos ambientes, musicais e não musicais. Para Gordon (2000) *a orientação musical informal que as crianças recebem em sua casa e no ensino pré-escolar, assim como a educação musical formal que recebem no jardim de infância, vão influenciar directamente o nível da sua aptidão musical em desenvolvimento* (p. 68). O importante é permitir que a criança, o mais cedo possível, vivencie diferentes e ricas experiências musicais e que possa também delas fruir emocionalmente. Como refere Filomena Almeida (2010) *as interações acontecem se o ambiente for rico em experiências de aprendizagem valorizadoras da resolução de problemas, nas relações sociais, no contacto com materiais, nas situações e factos das vivências quotidianas* (p. 1). Penso, pois, que nunca é demais afirmar que, a música, mais do que ter que um simples carácter lúdico representa, em muitos aspectos, um caminho seguro na senda da educação global das crianças, como provam os trabalhos dos investigadores que tenho citado.

Para Susana Sardo (2011) *experenciarm a música e a dança, ou falar sobre elas, encoraja as pessoas a sentir que estão muito próximas de algo essencial a si próprias, como as suas emoções individuais ou comunitárias* (p. 97).

Julgo que as citações feitas ao longo deste texto e a minha experiência pessoal justificam a razão do título que o encabeça. Acrescentar que, cantar e fazer música foram sempre formas de viver de maneira intensa. Recordo a emoção que sentia quando era pequena e, via e escutava, na televisão, os grandes cantores líricos da época, como por exemplo Maria Callas!... A forma emotiva como extravasava o meu desejo de, por um lado, também assim cantar e, por outro lado, o quanto todos aqueles “sons” me “enchiam” a alma, era algo que, na altura não entendia muito bem. Apenas sentia! Desde muito nova, a música foi construindo em mim, um caminho e uma forma de estar na vida.

Neste artigo quis que se pudesse salientar a conclusão de como cantar (que é expressar música através da voz) é crucial, quer para cada um de nós, quer para o processo pedagógico e educativo. Como revela Ana Ferrão (2002) *cantar representa, para a maioria das pessoas, uma expressão de sentimentos e um momento lúdico, para o Educador deve assumir ainda outras dimensões: a de um acto educativo e artístico* (p. 15). Por esta razão, também quis que este documento fosse um instrumento para mostrar a necessidade de se reforçar o acto de cantar com o “coração” que é como metáfora que relaciona a música e as emoções e, tal como refere Susana Sardo (2011) *a música é um intermediário na articulação e gestão das emoções de um indivíduo na sua relação consigo próprio [...] e sobretudo na sua relação com os seus pares criando e reforçando a coesão dos grupos*” (p. 93). Cantar e trabalhar canções para crianças que frequentam o Jardim de Infância e o 1.º ciclo do ensino básico pode ser uma das ferramentas para explorar e construir diferentes conceitos musicais, alicerçar relações emocionais, competências sociais e sentires, que só a na música e com a música podem ser vivenciadas.

De entre os aspectos que aqui foram enunciados, com base nos estudos e investigação referidos salientam-se algumas linhas importantes, quer sobre o valor e papel da música, de uma forma geral; quer sobre o papel e importância de cantar, nomeadamente canções de embalar, às crianças pequenas, em ambientes e momentos distintos. Assim, do que ficou exposto a música e o cantar canções de embalar aos bebés conduz a uma acalmia e apaziguamento em distintos momentos; consolida a arquitetura do sono; permite regular e estabelecer ligações quer de vinculação, quer de reforço emocional; e ainda, pelas características musicais deste género musical, o bebé inicia, por exemplo, um processo de construção auditiva, que reforça a o aprender de códigos linguísticos, de distinção de diferentes sons musicais e mesmo de percepção de distintos géneros musicais. Neste sentido, e voltando a salientar o que tem vindo a ser exposto, a música e o cantar (canções de embalar) é um bom começo para enfatizar algumas das aprendizagens descritas.

Parte Prática

Apresenta-se aqui uma parte prática que pode servir de base para trabalhar em diferentes contextos educacionais. Trata-se de uma melodia intitulada *Pimponeta* (figura 1) e que pode ser adaptada quer para crianças de Jardim de Infância, quer para formação Inicial ou outra.

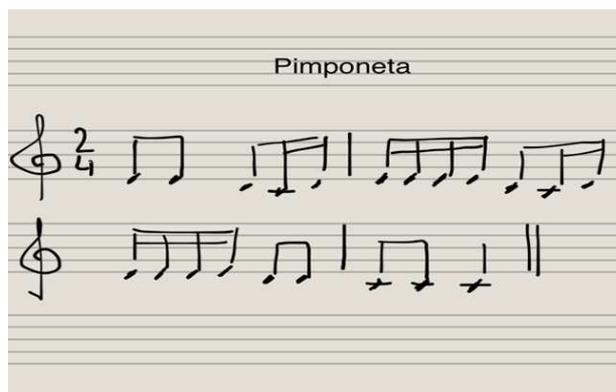


Figura 1 – Canção Pimponeta (Música, letra e arranjo de Joana Araújo e Ana Flávia Miguel)

Desta forma exponho um exemplo de uma canção e a forma como, a partir dela, se pode organizar uma actividade musical e que passa pela aprendizagem da canção, até à execução de pequenos jogos musicais. Os objectivos desta actividade têm que ver com o fomentar o gosto pelo canto e a aprendizagem de diferentes conteúdos, como por exemplo a Dinâmica (forte; piano); Tempo (rápido/lento); Forma (exemplo: ABA); Expressão e interpretação (sonoridade, intenção, contexto); Improvisação (através da mímica, ritmo, dinâmica, melodia, outros); trabalhar o texto (significado, ligação dos temas expressos no texto, criação de novas letras); Movimento (criação de gésticas, mímica, coreografia e a importância do movimento na aprendizagem das canções, nomeadamente no que concerne à memorização).

Apresento de seguida a canção seleccionada, bem como os diferentes passos de metodologia para a aprendizagem da melodia:

Canção: “Pimponeta”

passo 1: Letra da melodia

- Pimponeta e taqui taqui tuca e taqui taqui tuca plim, plim, plim.
- a formadora soletra a letra na totalidade
- a formadora soletra a letra por frases
- as formandas repetem a letra por frases
- as formandas repetem a letra na totalidade

passo 2: aprendizagem da melodia

- a formadora/educadora canta a canção na totalidade
- a formadora/educadora canta a canção por frases
- as formandas/crianças cantam a canção por frases
- as formandas/crianças cantam a canção na totalidade

passo 3: trabalhar a expressão

- trabalhar o texto de forma expressiva: a formadora/educadora dá exemplos, cantando a canção com diferentes tipos de expressão e interpretação; melodia pode ser adaptada para relaxar (como uma caixinha de música, como jogo musical (exemplo: Canon).

- o diferentes emoções e interpretações associadas ao texto e contexto (cantar de forma mais intimista - Sugestão: solicitar às formandas/crianças para trazerem bolinhas de sabão e lenços coloridos para a próxima sessão)

passo 4: movimento

- o mímica – as formandas/crianças colocam-se em roda e emitam, com as mãos, uma caixinha de música; quando cantam “plim, plim”: fingem que estão a tocar piano.
- o espaço para criação de outro exemplo elaborado pelas formandas/crianças

Conclusão

Em jeito de tónica final, neste artigo pretendi chamar a atenção para a importância de cantar: cantar em casa, nas escolas, em diferentes contextos. Mais do que auxiliar a criança a exprimir-se, cantar, pode fazer a diferença para a aprendizagem de diferentes conceitos, emoções e mesmo o gostar de música. Cantar, pode fazer a diferença em aprender e expressar outras formas de comportamento humano. Como refere Perry (2000) ao citar Kuhmerker *a aprendizagem de canções facilita a adopção de um vocabulário de começo de leitura e ainda pode o ritmo e a fraseologia, tanto como as acções e as experiências cinestésicas associadas às canções, ajuda[r] as crianças a associar as palavras a uma variedade mais vasta de experiências linguísticas*” (p. 482).

Desta maneira cantar às crianças, canções de diferentes géneros e, potenciar distintas experiências musicais pode também reforçar as ligações afectivas, quer no meio familiar, quer na escola.

Referências

- Almeida, F. M. (2010). *Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar*. Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Bragança para obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar
- Blacking, J. (2000). *How Musical is Man?* New York. University of Washington Press
- Blacking, J. (2006). *Hay música en el hombre?* Madrid. Alianza Editorial
- Blum, T., (1993). Prenatal Experience and the Origins of Music, *Prenatal Perception*, Berlin, Leonardo Publ., P.252-277.
- Campbell, D. (2006). *O Efeito Mozart*. Cruz Quebrada. Estrela Polar.
- Castro, M. I. (2003). *Cantar aos bebés - das práticas de cantar durante a prestação de cuidados e dos efeitos de uma canção de embalar no sono dos bebés*. Dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade de Psicologia e Ciência de Educação - Universidade do Porto.
- Castro, M. I. (2004). Cantando para adormecer. *Revista Música, Psicologia e Educação (CIPEM)*, (6), 89-99.

- Chapuis, J. (2001). *A propósito do lugar da música na vida da criança*. In Revista Associação Portuguesa de Educação Musical, Boletim 111, Outubro/Dezembro, 12-13.
- Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais (2009). Lisboa: Ministério da Educação
- Deliège, I. e Sloboda, J., (1996). *Musical Beginning - Origins and development of musical competence*, Oxford, Oxford University Press.
- Elliot, D.J. (1995). *Music Matters – a new philosophy of music education*, New York, Oxford. University Press.
- Ferrão, A. (2002). *Cantar – Espaço de prazer, arte e educação*. In Associação Portuguesa de Educação Musical, Boletim 112, Janeiro/Março, 15-16
- Gordon, E.E., (2000b). *Teoria de aprendizagem musical para recém-nascidos e crianças em idade pré-escolar*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gordon, E. E., (2000b). *Teoria de aprendizagem musical – Competências, conteúdos e padrões*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hargreaves, D.J., (1999). Desenvolvimento musical e educação no mundo social, *Revista Música Psicologia e Educação*, 5-13.
- Janson, H.W., (1977). *História da Arte*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lopes dos Santos, P.; Ferreira, M.; Alves, J.; Carmona, C. e Leite, C. (1985). Estudo das reacções do recém-nascido ao som de uma voz humana nas primeiras 48 horas de vida pós-parto, *Jornal de Psicologia*, (4) 5, 3-10.
- Lopes dos Santos, P. (1990). *Papel dos factores da interação Mãe-filho no crescimento somático do recém-nascido*. Tese de Doutoramento apresentada na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Merrian, A. (1964). *The anthropology of music*, Evanston, Northwestern University Press.
- Mcadams, S.; Bigand, E., (2001). *Thinking in Sound – The cognitive Psychology of Human audition*. New York: Oxford, University Press.
- Mota, G., (1999). *Investigar o desenvolvimento musical da criança nos primeiros anos de escolaridade*. Revista Música, Psicologia e Educação, Centro de Investigação em Psicologia da Música e Educação Musical. Porto. Escola Superior de Educação do Porto, p. 27-34.
- Palheiros, G., (1999). Investigação em educação musical: perspectivas para o seu desenvolvimento em Portugal. *Revista Música, Psicologia e Educação. Centro de Investigação em Psicologia da Música e Educação Musical*, 15-26.
- Perry, J. (2002). A música na Educação de Infância. In B. Spodek (org.) *Manual de Investigação em Educação de Infância*, (pp 461-402). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Rodrigues, H. , (1994). *Avaliação da aptidão musical: elementos para uma definição*, Psychologica, 11, p. 91-100.
- Rodrigues, H., (1997). *Música para os pequeninos; Elementos da perspectiva de Edwin Gordon*. In Associação Portuguesa de Educação Musical, boletim 95, Outubro/Dezembro, 16-18.
- Sá, E., (2000). *Psicologia do feto e do bebé*, Fim de século, 2.^a edição.
- Sardo, S. (2011). *Guerras de Jasmim e Mogarim: Música, Identidade e Emoções em Goa*. Alfragide. Texto Editores.
- Slater, A., (1998). *Perceptual Development – Visual, auditory and speech perception in infancy*. London: Psychology Press.
- Trevarthen, C., (1999). *Musicality and the intrinsic motive pulse: evidence from human psychobiology and infant communication*, *Musicae scientiae*, ESCOM-European Society for the cognitive Sciences of Music, p.155-215.
- Willems, E., (2001). *El oído musical – La preparación auditiva del niño*, Barcelona; Editora Paidoi.
- Zenatti e colaboradores (1997). *Psychologie de la Musique*, 1.^a Edição. France: Presss Universitaires.